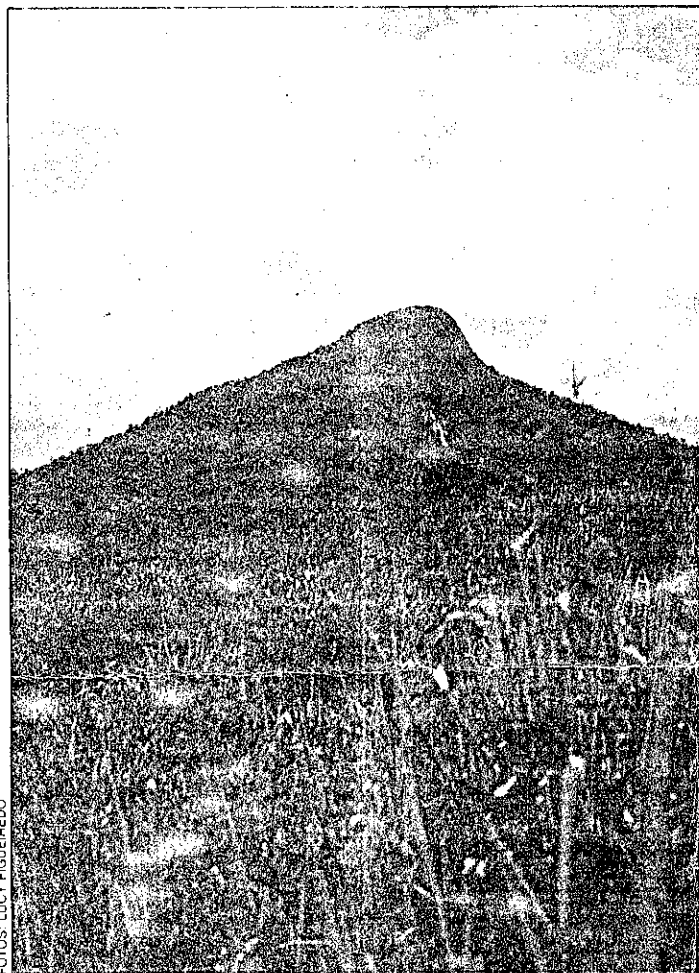


VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando.

320  
190  
244  
202

# Turismo



FOTOS: LUCY FIGUEIREDO



Dominando um vasto trecho da Mata Atlântica, o Monte Pascoal abriga espécies animais em extinção, uma flora variadíssima e árvores de madeira nobre que os índios Pataxós, instigados pelos brancos, ajudam a derrubar

# Ali onde Cabral aportou

*A batalha para preservar o patrimônio natural no sul da Bahia*

4

**A**poucos quilômetros da praia de Corumbau, no litoral sul da Bahia, o Monte Pascoal domina uma imensa área ainda quase intacta da Mata Atlântica. Para atingir o pico, a 536 metros de altitude, o viajante percorre uma trilha de 4 quilômetros, a pé, entrando em contato com algumas espécies majestosas de madeiras nobres, como jacarandá, cedro e Pau-Brasil. Primeiro ponto avistado por Pedro Álvares Cabral, quando aportou no Brasil, em abril de 1.500, o Monte Pascoal exhibe uma natureza magnífica, de flora e fauna riquíssimas, que o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal)

procura preservar com o seu programa de Parques Nacionais — aquilo que Pero Vaz de Caminha, em sua primeira carta ao reino de Portugal, descreveu como “coisa exuberante”.

Para chegar à praia de Corumbau e ao Monte Pascoal, você pode embarcar num ônibus na pequena cidade de Eunápolis, 30 quilômetros ao sul, ou sair de Porto Seguro, ao norte — numa bela cidade litorânea que abriga muitos pontos históricos e se caracteriza por belas construções coloniais. Atualmente, Porto Seguro tem uma população de 47.000 pessoas e recebe um grande número de turistas.

O Parque Nacional de Monte Pascoal

foi criado em 1961 e compreende uma área de 22.500 hectares. A fauna da região é extremamente rica, sobretudo em animais silvestres e aves. Na trilha do Monte, única maneira de se atingir o cume, o viajante pode topor com araras, periquitos, tucanos, tamanduás, esquilos e macacos. A mata, pródiga em folhagens gigantescas, samambaias, orquídeas e bicos-de-papagaio, abriga árvores de grande porte, com inúmeras espécies de madeira de lei em extinção.

Na luta para preservar este canto monumental da Mata Atlântica, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal esbarra na ação criminoso e clandestina▶

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando.

## Turismo

dos madeireiros, que escapam impunes às malhas da fiscalização. Para derrubar as árvores seculares, eles armam os Pataxós, indígenas aculturados que vivem nas aldeias da praia e que, por alguns trocados, derrubam madeira — é comum encontrar, nas ocas, grandes serras elétricas que a comunidade utiliza em sua faina predatória. Os brancos, que comandam a derrubada, colocam o instrumento nas mãos dos Pataxós, os quais — por sua condição de indígenas — são inimpuníveis, não podem ser incriminados. Estes mesmos índios costumam se enfeitar com penas de tucano, de periquitos, de araras, e eventualmente se cobrir com peles de sussuarana ou gato-do-mato. Frequentemente, comercializam cocares com penas de tucano, espécie em extinção.

Assim como em Abrolhos, no extremo sul da costa baiana, à frente da praia de Caravelas, ou no Tamar — programa de preservação das tartarugas, em extinção —, o IBDF desenvolve um intenso trabalho em Monte Pascoal para manter a riqueza natural. De fato, numa faixa muito extensa do litoral brasileiro, a Mata Atlântica representa um verdadeiro santuário que sobrevive à ação predatória dos homens. O programa SOS Mata Atlântica está aí para motivar a população na batalha pela preservação das florestas que abrigam ainda espécies riquíssimas, primordiais para o equilíbrio dos ecossistemas.

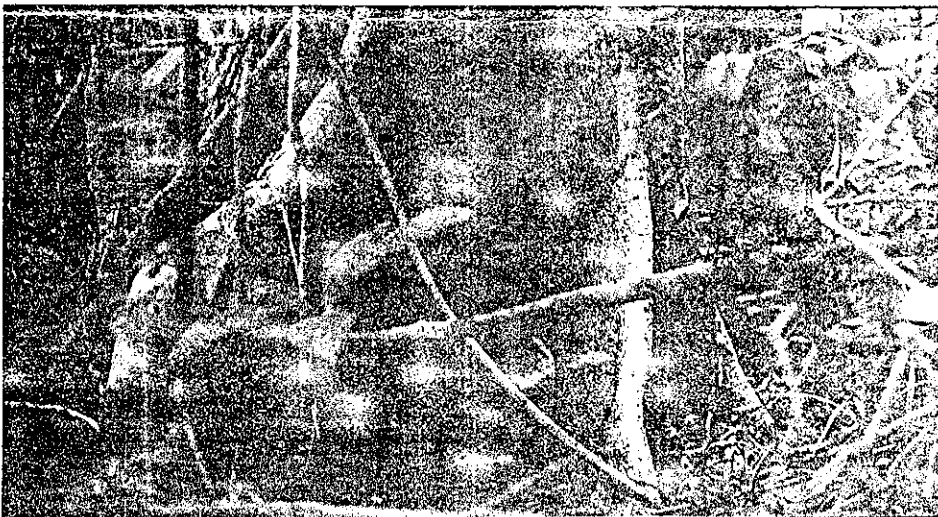
O programa de Parques Nacionais do IBDF parte da premissa de que a conservação da natureza não é uma atitude meramente sentimental. É uma ciência, cujos princípios certamente se inscrevem no mais antigo código — o das leis da natureza. Neste quadro, muita coisa ainda não foi suficientemente estudada e muitas vezes o ser humano pode interferir num sistema para desequilibrá-lo, atitude que, no final, reverte em seu próprio prejuízo.

Um dos grandes objetivos do programa de Parques Nacionais é despertar a comunidade para o fato de que as reservas são instituições vivas, atuantes, estimuladoras de idéias e de respeito à fauna e flora, solo e água.

No início do século passado, a Mata Atlântica era ainda uma estonteante extensão vegetal que cobria milhões de quilômetros quadrados, desde o extremo leste do País, ao sul do Rio Grande do Norte, até Santa Catarina. Em meados do sé-



Uma região formada de densos bosques, que Caminha chamou de "coisa exuberante"



Árvores em extinção, como o jacarandá, ainda suportam as agressões do homem

culo XIX, o naturalista Charles Darwin, que percorria o mundo a bordo do Beagle, impressionou-se fortemente com a Mata Atlântica. "A elegância da relva, a novidade das parasitas, a beleza das flores, o verde luzidio das ramagens e, acima de tudo, a exuberância da vegetação" deixaram perplexo o cientista, que descreveu ainda "o concerto mais paradoxal de som e silêncio que reinava à sombra dos bosques e no recesso íntimo das matas". Neste cenário, segundo Darwin, "a criatura sente-se como que impregnada de um silêncio universal".

Em algumas décadas, este santuário, um dos patrimônios naturais da humani-

dade, passou pelos ciclos da cana-de-açúcar, gado, café e algodão — mal que seria menor não fosse o estrago provocado pela especulação imobiliária e indústria madeireira. Antes, a Mata Atlântica tinha uma área correspondente à superfície da Grã-Bretanha, por exemplo. Disto tudo, restaram 3% que, desafortunadamente, continuam sendo alvo de queimadas e serras elétricas. Ganham com isso o comércio ilegal de madeira e os fazendeiros, que formam pastagens e exploram a agricultura. O Parque Nacional de Monte Pascoal ainda respira no meio deste drama.

O viajante mais atento poderá obser-

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando.

var, na região de Monte Pascoal, muita coisa além da exuberante mata, com seus cedros gigantescos. Há os alagadiços, as restingas, os campos, as dunas, os banhados e os manguezais numa longa faixa até o oceano. Quem percorre os caminhos do Monte se extasia com bandos de tucanos de bico preto e alguns animais ameaçados de extinção como o macuco, o papagaio de cauda dourada, o pi-pui ou o irrequieto beija-flor de Dohrn. Destaca-se o trinado forte do tropeiro, ou "fri-frió", uma das espécies mais fascinantes da floresta, que o ornitólogo Helmut Sick um dia chamou inadvertidamente de "voz da Amazônia".

À tarde, o visitante poderá conhecer uma emoção diferente quando, no meio da folhagem espessa, soar o canto estridente da araponga ou o alarido nervoso do macaco "barbado". No final da tarde, aliás, é bom estar em local seguro, longe da jararacuçu — cobra de veneno forte — ou da pintada, espécie em extinção mas que ainda podem ser encontradas nos 22.500 hectares do parque.



Uma paisagem rica no colorido e silêncio, que muito encantou o cientista Darwin

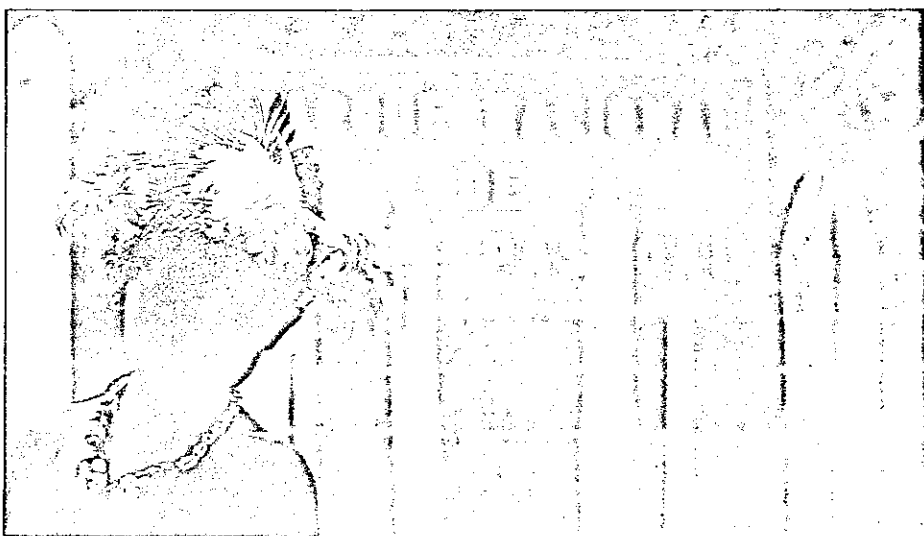
## Relação cordial

A história do Parque Nacional de Monte Pascoal não é recente. Embora o parque tenha sido implantado oficialmente em 1961, a criação de uma reserva ecológica no sul do Estado da Bahia começou a ser pensada pelo governo federal em 1930, quando foi nomeada uma comissão para determinar o ponto exato do descobrimento do Brasil. Naquela época, o governo resolveu colocar um marco no ilhéu da Coroa Vermelha, um grande cruzeiro no lugar do continente onde Pedro Álvares Cabral mandou rezar a segunda missa. Toda a região em torno do Monte Pascoal foi levantada e estudada, fazendo-se um balanço jurídico das terras.

Em abril de 1943, ainda no governo de Getúlio Vargas, criou-se um parque monumento, mas pouco se fez para conservar a grande reserva. Em 1961, quando o parque foi efetivamente implantado, as terras já estavam parcialmente ocupadas por culturas como café e cacau. No início, fazendeiros e pataxós entraram em conflito. Hoje, eles

convivem cordialmente — mesmo porque, há interesse dos brancos em armarem os indígenas para o abate das árvores. Mas no quadro dos interesses preservacionistas impostos pelo programa de parques nacionais e o espaço ocupado pelos latifúndios, sobra pouco espaço para os Pataxós. Por duas décadas,

este índios — hoje aculturados, com hábitos e vestimenta de branco — foram considerados intrusos em seu próprio habitat. Há oito anos apenas o IBDF e a Funai resolveram entregar aos índios 8.500 hectares do parque, criando-se então duas das cinco aldeias hoje existentes na região. □



Os Pataxós vivem em reservas delimitadas há alguns anos pela Funai e IBDF